

O GUAYBA.

PERIODICO SEMANAL, LITTERARIO E RECREATIVO.

Anno 2.

No. 21.

Assignatura mensal 1:000 Rs; paga em trimestres adiantados. Para fóra da Capital: Semestre adiantado 7:000 Rs.

REDACTORES: Carlos Jansen e Joao Vespucio de Abreu e Silva.

VISTAS NOCTURNAS.

I. ROMA.

A clamamos no cume de um escarpado monte. A' nossos pés desliza-se como uma faixa prateada um formoso rio que reflecte os raios melancolicos que Phebe derrama qual pranto sentido pelo destino de Endymião, o gentil caçador, que soube vencer o coração desapiadado da casta deosa. A' nossa esquerda eleva-se um rochedo, curvado por um monumento elevado e de estylo severo, cujos muros gigantescos parecem escarnecer dos canhões collocados sobre elles; mais abaixo outra construcção de guerra se destaca do labyrintho das ruas de uma cidade que repousa; compridas flamulas fluctuão sobre suas torres ao sopro das brisas nocturnas, e os passos das vigilantes sentinellas retumbão sobre o marmore de seos corredores. A' nossa direita vemos elevarem-se enegrecidas paredes, restos de um amphitheatro bastante vasto para conter um povo inteiro; além a cupula grandiosa de um templo onde se alçava a cruz do christianismo.

Perguntamos ao Genio da noite: Que rio é este? Qual esta cidade? Quaes estes edificios?

« Este rio é o Tibre, este altivo castello á nossa esquerda é o Capitolio, este mais moderno é a fortaleza de Santo Angelo, esta igreja é a de São Pedro, esta cidade é — Roma!

Roma! Quanta gloria, quanta grandesa revela este nome! Que sentimentos entusiasticos nos assaltão o coração á vista da antiga rainha do mundo!

Abrimos os braços, quizemos correr para esses

monumentos de gloria eterna de um grande povo; o genio porém nos reteve e nos disse com voz lugubre: detem-te, fraco mortal, que te deixas arrastar pela lembrança de uma vetusta gloria! Detem-te, que a Roma que jaz á teos pés não é a activa cidade cuja fama reboia no oceano dos tempos!

Esta elevada fortaleza, que outr'ora abrigára um povo contra o furor do inimigo, que deo seo nome como titulo honroso ao heróe Manlio, em cujo recinto forão depositados os louros de Bellona e de Apollo sobre as cabeças de Camillo, Bruto, Fabio, Mario, Sylla, Cesar e Pompeo — de Cicero, Seneca e Sallustio, esta fortaleza que depois abrigou em seo recinto o nobre Rienzi, o regenerador da antiga Roma, e presenciou mais tarde sua morte ignominiosa pelo povo degenerado, que aviltou-se até manchar suas mãos no sangue de seo bemfeitor, esta fortaleza outr'ora consagrada á tão nobres fins perdeu toda a sua grandesa e só é respeitada pelas reminiscencias que ella desperta: só é respeitada pelo seo passado!

Este castello de estylo moderno cujas flamulas desenrolão-se tristemente é Santo Angelo, guarnecido por 300 canhões promptos á abater com suas chammas e nuvens de enegrecido fumo qualquer tentativa para uma liberdade justa. Este edificio arruinado foi elevado por Flavio Vespasião, o imperador severo mas justo, para 16:000 cidadãos romanos assistirem aos sanguinolentos combates dos gladiadores e applaudirem prodigios de um valor barbaro — hoje mal recorda o que foi: visitado e admirado pelo estrangeiro, é despresado pelo romano que deslembra sua antiga magestade, que só sabe que o Colisseo é hoje o covil dos salteadores dos arredores de Roma!

Esta igreja, com sua cupula eternisada pelos primores do genio de Miguel Angelo, que altivamente domina Roma e seos destroços é ainda o mais formoso monumento elevado á religião do Crucificado, tantas vezes despresada em Roma, tantas vezes sophisnada

para satisfazer calculos de ambição, mas sempre conservando o sello de sua divina origem.

Este prodigio do genio custou a separação de grande parte de um povo do predomínio espiritual de Roma, e quando elle se finalisava ainda a Allemanha jazia ensanguentada. A lembrança da origem d'este grandioso templo liga-se pois á scenas de sangue.

Vês alli o antigo « forum romanum » onde um senado inteiro, demasiado soberbo para fugir, succumbio aos golpes desapiedados de barbaros invasores, onde retumbou tantas vezes a voz eloquente de Cicero e de Seneca, onde o republicano Bruto entregou, violentando horriavelmente a natureza, seos proprios filhos ás mãos do lictores? Vês este theatro de immortal gloria? é hoje — o campo vaccino, e serve para mercado de gado.

Vês esta extensa rua, por onde passavão outr'ora os triumphadores romanos, que vio tantos arcos magestosos elevarem-se para premiar grandes feitos? É hoje o « Corso » destinado aos excessos do carnaval, presenciando annualmente o triste espectáculo de um povo, que busca sepultar as lembranças de um glorioso passado na embriaguez das festas.

Detem-te, mortal; vê o que resta da nobre e valente rainha do mundo, da Roma dos Brutos, Catões e Scipiões: — ruínas e miseria! Quem a susteni á borda do tumulo é — a cruz do christianismo!

Assim fallou-me o Genio, e occultando nossas amargas lagrimas de decepção voltamos costas á Roma.

LITTERATURA.

(Continuação.)

Em minha opinião, nem uma nem outra cousa se lhes deve pedir.

A natureza em si é sempre uma; mas a natureza em suas diversas formas, isto é, a natureza em cada individuo, é, como bem sabes, variada e ductil.

Em cada uma d'ellas causas iguaes podem produzir effeitos differentes. Um mesmo factó pôde actuar nellas com uma impressão diversa.

Assim pois, nem todos os individuos sentem do mesmo modo. Variando as impressões, o resultado da sua operação sobre um pôde talvez ser igual, e nesse caso o modelo desaparece e a imitação não tem lugar; mas pôde tambem pelo contrario ser diverso e nesse caso a imitação é um servilismo, uma baixesa e o modelo serve então de traslado, por onde se copiarão as linhas que se achão já escriptas, o que, concordarão comigo, é uma bem triste e miseranda

missão para um espirito que aspire á elevação e para uma alma que aspire á nobresa.

Em todo o caso, porém, é uma revelação de pobreza. Só pedimos aquillo que não temos.

Quanto aos criticos de máo gosto e pouco senso, que por isso mesmo que só olhão para traz de nós que vemos adiante, clamão constantemente aos moços que imitem o passado, que busquem os modelos, remetto-te para aquellas espirituosas e sabias linhas de Victor Hugo quando trata d'este ponto.

Vamos porém á poesia. Para mim a poesia tem uma só fonte mas corre por dous grandes e diversos canacs de onde se via transformando e modificando, conforme suas differentes revelações.

A fonte é a natureza, isto é, o homem, porque é a natureza em seu estado mais perfeito.

Ora o homem tem dous lados principaes, duas faces caracteristicas de sua individualidade, que são o espirito e o sentimento, a rasão e o coração.

Mais ainda. O homem soffre em si duas grande^s impressões, que são como as duas grandes aberturas pelas quaes se desata e precipita o oceano da poesia. Uma que parte da natureza do mundo e outra que parte da natureza da sociedade. Uma que desce do espirito á fallar-lhe ao coração, outra que sobe do coração á despertar-lhe o espirito.

Em uma, porém, como em outra, o seu alvo é sempre o mesmo, é sempre a *verdade* que busca, é sempre a *perfeição* que deseja.

O universo com todas as suas maravilhas surprehende-o, fere-lhe o espirito, excita-lhe o raciocinio, obriga-o á reflexão; elle comprehende a necessidade de buscar a origem de todas essas bellas que o pasmão, de indagar a verdade de todos esses phenomenos que o admirão, de vêr se encontra a perfeição de todas essas obras diante das quaes pára estupefacto e mudo. Uma idéa então lhe apparece — a criação precisa de um creador — seu espirito eleva-se nessa indagação, não encontra na terra um poder, uma força que lhe pareça capaz de ter produzido tudo o que vê e admira, sóbe ás regiões mais elevadas do pensamento, transporta-se em sua mesma impressão, devassa os ares, corta as nuvens, penetra o céo — vê Deos!

Ahi a poesia revela-se-lhe pela contemplação. Em meio de tanta grandesa quer ainda fazer uma comparação mas não encontra um termo.

Cercado de tanta luz busca sua propria sombra e não a acha: então a consciencia de sua pequenez e de sua fraquesa falla-lhe ao coração, elle se sente humilde: nasce a religião.

(Continúa.)

Album Poetico.

REMINISCENCIAS A JULIA.

IV.

Quando para cantarste, anjo ou ficção,
Da minha tosca lyra afino as cordas,
Sinto no peito labareda ingente
Igníferas azas emprestar-me.
Ergue-se então candente o astro da vida
E na luz de seus raios me embriago ;
A doce inspiração melliflente
Sobre a fronte incendida me esvoaça
E minha alma toda amor ao pensamento
Num filtro de praser derrete os gélos ;
A saudade na voz que exhala ás vezes
Nas sombras do futuro se adelgaça
E medonha restringe nos abyssos.
Sou todo timidez ; onde o que junto
Ao mimo de teus labios e cravado
Nos véos do coração te arrebatei ?
Segredos sempre meigos como favos
Que o fabrico da abelha produzião !
No collo de alabastro as tenues ondas
De suspiroso amor que te saltavão
Dos pudibundos seios onde existem ?
Nesses olhos, estampa d'alma ingenua,
Já não adeja a vida e a ternura !
Onde estás, bella Julia, noutros tempos
De meus sonhos oraculo divino ?
Retrato era da Aurora que se atufa
No cochim d'esmeraldas embutido,
Para do somno o dia resurgir !
Era a Aurora gentil, sem pompa, esbelta,
Acordando o gurgelo o trino ás aves !
Era a Vesper, a deosa da Harmonia,
No mar, no bosque, merencoria e terna,
Multiplique casando aos sons de uma harpa
Os sons que varre no cicio da selva !
Era o brinco gentil da Primavera
Renascida do prado entre as verduras,
Tyribulo de amor, vida, e perfume!
Era de Apollo o pensamento eterno
Creador da poesia e das canções !
Era a Venus christã, era do empyreo
A sacra inspiração dos vates todos :
Mimosa — como as azas do favonio,
Singella — como o lyrio das campinas,
Pudica — como o envólucro da rosa,
Pura — como o aroma da violeta.
Era emfim na alegria — o rir dos céos
E muda — Melancolia — na tristeza.
« Mulher, fada, illusão, ditira o bardo,
« Quem pôde vêr-te sem querer amar-te,
« Quem pôde amar-te sem morrer de amores ? »
Eu a amei como se ama a luz da vida
Amei-a no sorrir candido e casto,
Amei-a no praser libando a vida
E no calix da dôr sorvendo as fezes,
Amei-a como amára o santo osculo

Que no berço sellou minha innocencia,
Amei-a como a rola ama a espessura,
Como o mar volumosó ama o peixinho,
Amei-a como a flôr ama o rocio,
Como o nauta do céu ama as estrellas,
E ainda amára talvez.... oh ! se eu pudesse
Reaes fazer das illusões de um sonho,
Se eu podera beijar-lhe a trança ao menos,
A nivea mão da Paphia deosa inveja,
Quantos beijos não dera em cambio á um riso,
Que até do Olympo as graças namorirão !

Azul.

O QUE FOI.....

Possa um dia dizer — sou teu és minha.
Feliz nos braços teus gosar um'hora !...
Ufano perguntarel aos reis da terra
— O que valem c'rôas, potentados, mundos ! ?

(***)

Ella é bella e tão formosa,
Como Blanca — a desditosa
Amante de Aben-Hamet !...
É pallida como açussena,
Ou qual lyrio em tarde amena
Vergando o calix ao pé....

É pura — como a gotinha
De rocio na folhinha
Da violeta á balançar....
É terna — qual cantilena
Do bardo em noite serena
Seus amores á cantar....

É meiga — qual de um infante
A caricia, ou de um amante
Doce queixa languorosa....
Como os pios da rolinha,
Lá nas selvas tão tristinha
A' cantar — sempre chorosa....

Seu olhar tão innocente,
Suave — é tão eloquente,
Que escravisa sem querer....
O perfume — só dos céos,
Transcende dos labios seos,
Se um sorriso os faz mover....

Foi assim que tão linda encontrei-a,
Como a flôr do deserto tão pura !...
Vendo assim foi que á custo e tremendo
Eu ousei balbuciar esta jura :

« Pois que á terra baixaste — meu anjo,
Não desprezes quem te ousa adorar...
Ou ordena que eu morra, ou aceita
O amor, que soubeste inspirar !... »

Na minh'alma tu tens um imperio,
 Em meu peito sagrei-te um altar....
 Minha lyra p'ra ti doces hymnos,
 Ternos cantos só ha de entoar....

E eterno, como é nossa alma,
 Meu amor — eu te juro — ha de ser l...
 Vivo ou morto, da tumba inda além
 Hei de á ti, só á ti pertencer l...

Rudes accordes de mal accentuada lyra, que ao Jôca
 offerece seu amigo F. de Villeroy.

QU'IMPORTA ?...

E meus dias — qual a sombra de um phantasma,
 Silenciosos vão no mundo se escôando...
 E triste, e baixa fronte eu vou passando
 Por entré as alegrias dos felizes...
 (F. de Villeroy. — Poés. inéd.)

Qu'importa do mundo ruidosos praseres,
 Qu'importa da vida tão lindos amores,

S'eu soffro, s'eu gemo, s'eu gemo sózinho
 Só prantos que esmagão minh'alma de dôres ?

Qu'importa da vida tão lindas amantes?
 Em vão procurei-as, achei-me tão só,
 E no mundo eu passei por entre os folguedos,
 E fui embuçar-me — chorando — no dô....

Qu'importa da vida fagueiras esp'ranças,
 Se o porvir para mim suas portas cerrou,
 Qu'importa da vida lembranças passadas,
 Se apenas nascido meu côr se enlutou ?....

A mim só importa o momento feliz,
 Que minh'alma voando de todo esquecida,
 De futeis esp'ranças, praseres mentidos
 O adeos te disser oh ! vã, louca vida !

Leonel.

Revista.

OLHEM O COMETA!!!

Ja sei que os meus queridos *freguezes* gostarão dos sons que esgravatei na minha harpa de prata, quero dizer : as moças morderão o beicinho, dizendo : este diabo de *Freguez* anda pervertendo a humanidade; os rapazes esfregarão-se as mãos pelo meu tacto de raposa, especialmente os mathematicos reconhecerão que eu sabia melhor o valor da tal incognita, que os francezes chamão *fiancée*; os velhos, deleitando as fibras narigaes com punhados de *princesa amarellinho*, murmurarão : este *fiote* de escriptor e de poeta parece que já foi casado alguma vez. O caso é que por causa da *versaria* ou *versalhada*, eu não fallei na festa da Padroeira... oh não fallei ? mas é preciso que eu falle : se vai como sopa fria, quem tem a culpa ? quem manda serem as semanas tão compridas e o *Guayba* tão curto ? quem manda pedirem-me *Revista em verso* ?

No domingo (10) foi a *festa-mãe* em Porto Alegre, para a qual o frio pouca gente arrecadou; eu porém, à convíte do meu presago coração, deixei-me ficar á porta da sachristia, fazendo symetria com a sentinella *artificial* : d'ahi á pouco não vi mais alguém na igreja; apenas negrejávão cá e lá alguns tocos de mantilha, como aquelles fragmentos que surgem de quando em quando nas ruinas de um monumento, attestando a existencia de uma pilastra que se quebrou; as moças cobrião o rosto com os livros, os rapazes com o chapéo; algumas mettião-se debaixo da capinha das outras, e outros punhão o sobretudo pela cabeça; qual era a causa ?... chovião confeitos do tamanho de um ovo, e um amigo meu que de prevenção levára guarda-chuva, abriu-o e esperava muito quieto pelo afco.iris quando parou a tempestade, deixando apenas ouvir-se pelo espaço o mellifluo solo de uma cantora, aju-

dada de um bem estudado acompanhamento, onde uma flauta parecia sobresahir.

E' uma felicidade isto de não ouvir-se com o nariz; se assim não fosse, perguntem-me lá o que ouviria certa gente que tinha o pudor todo encanado á ponta do nariz, e não sentia que quasi ficava sem elle : eu de quando em quando punha a mão ao meu, não só porque não houvesse algum engano, como para quando chegasse em casa não encontrar em vez da minha delicada torneira de alfinim, este enorme penhasco, onde Loth perdeu a natureza:



O panegyrico, se fosse uma these philosophica ou um exercicio pratico de rhetorica, tirava a *borta* e o *capel-lo*, e se fossem permittidos apoiados, eu dava-os bem apparatus no meio d'aquelle soberbo dilemma que tanta vantagem trouxe aos raciocinios do epilogo, e tanta força deu áquella figura (*conversão*) de que o orador com tanto gosto utilisou-se.

No fim da festa, distribuirão-se os registros: bem se vê que alli é a casa da *igualdade*: meninos e crioulós, casacas e mantilhas — todos estendião o braço gritando : — Ah ! seu *Aquelle*, este é para mim ! Alguns mais expertos e que tinham relações com o Sr. *Aquelle*, quando fão receber o seu 3.º ou 4.º, puchavão a mão e já a estampa andava amarrotadinha por casa talvez do José Caixa; os amigos Ers. *Aquelles* vinhão fazendo o signal da cruz e pondo em grifo as palavras: *livrai-nos, Senhor, dos nossos inimigos*; apesar disso quasi que

ficão sem barriga; a opa tinha esgotado a sua força moral, e os novos S. Sebastiãoes por um triz que não morrem de azuada: levantavão as mãos para o céu, e prestavão-se humanamente á um zabumba *patent london*; para outra vez tomem o meu conselho — fação como Manlio: subão no zimbório e fornecão de lá o pão á tropa faminta dos devotos.

A tarde foi a procissão.

Ao sahir d'esta, os G. N. enfileirados no lado esquerdo da igreja, derão os seus *tif-tafs* em reposta ao *pum-pum* da artilheria. Ha alguns *brasileiros* que não tem os ouvidos no lugar dos outros e por isso *pagão para a musica*; eu aconselho aos *activos* que se tambem pagão para fazer exercicio de fogo, guardem os cartuchos e peção o dinheiro ao mestre. Cá o menino evadiu-se por causa de certo *saldo* que não é augmentativo, mas a caba em *ões*: não vão pensar que é *lições*, mas é—é—é (faltavão dois, dei-lhe trez!)

A procissão não levava os precursores moleques; as irmandades não todas de guião na frente, quasi cabe não cabe com o vento; os andores, inclusive o que se parecia com uma gaiola desarmada, levava um acompanhamento de uhm... uhm... uhm — erão os geninidos dos carregadores; os foguetes davão boas esperanças para o futuro: em diversas esquinas havião algumas *girandolonas*, cujo *chi—chi—chi—trá—trá—trá* parecia que nunca mais se acabava; tudo isso era bonito, só foi péna que o vento puzesse em custodia as colxas que fazem o ornato das janellas... (eu disse *ornato* porque o *ornamento* nós bem sabemos quem o faz)... enfim nem os anjos se esquecerão do grandê dia que era aquelle.

Conta-se que no dia 13 ha de chegar até nós um gastro, nomo sem igual no systema planetario, que nos liade engolir á todos (não sei se por almoço, jantar, ou ceia) fazendo no tremendo cataclysmo que os velhos se transformem em moços (tarde plaste!); as moças já maduras agarrarem-se ao primeiro que escorregar perto d'ellas; os meninos arrancarem as barbas ao mestre; as freiras revestirem-se da toga conjugal; os deputados passarem á senadores; os officiaes reformados á entrarem para o exercito no posto de tambores; os escriptores *temporões* passarão á presidentes de republica; Paris trocará o lugar com Porto Alegre; a Sé com a Thesouraria; a imprensa com o sino do Rosario; a civilisação universal sobrenadará como pingos de azeite na salmoura dos povos; e eu que já me vejo lonto á roda das saias da vovó, enroscado no seu rosario-giboa, começando com ella á fazer penitencias, tenho meditado muitos planos de salvação cá defronte da minha Austrelitz, ao pé da fogueira, com uma perna sobre a mesa, nas vespervas do *pagode*, mas não os digo, não: vou-lhes dizer alguns mas o melhor, guardo cá para meu uso, já que nos encarcerarão os famosos prophetas e não temos mais quem nos embale um polygrama de orações enigmaticas, nos besunte com sangue de gallinha preta, e nos ate ao pescoço dentes de cão damnado, caroços de zeitoña, e talvez garras de couro se padecessemos o *mal de casa*.

Quando estiver proximo o *bicho*, escrevo no meu chapéo a divisa que um louco trazia no tempo em que Carlos Magno andava caçando passarinhos: — Cá comigo ninguém brinca.

Se este methodo de espantar não tiver effeito, e o *animal cabelludo* qulzer apalpar a fé robusta d'este bis-neto de Sansão — então... temos conversado; é preciso proctra-lo com mais geito.

E' muito provavel que segundo as leis phisicas, o esperado

cometa no primeiro choque, principie por andar-nos á roda como um gallo do nosso sexo (1) no pateo do seu senhor.

Ora, se assim acontecer, tomarei a lembrança de um ebrio: esperarei na rua até que passe a minha casa; d'alí nada será mais facil: ponho um pé aqui e outro lá, e assim escarrapachado como o Hercules de Gibraltar, terei o gostinho de imitar o homem do Circo, e ver talvez como elle o *ligeiro Pegaso* voando-me por debaixo das pernas. (Que insulto para os poetas!)

Oh! como será bonito respirar o ar de dois mundos, e ouvir o re—tum—tum dos elementos preludiando uma symphonia de Verdi, e varrendo o cisco que os Fiscaes não vêem porque andão á scismar como diabo foi a camara lembrar-se de enterrar como minhocas os filhos do Olympo na lama.

Quero ver-vos, meu povo, nesse dia de... acuda-me algum dos lentes de rhetorica do Lyceo; emprestem-me de lá uma onomatopéa que represente o som das arterias do globo em convulsão... ah! isto pertence á raiz cubica da medicina — á homoeopatia! Perdão, Srs., errei.

O Circo *cosmofacto* tem esollado a semana, como quem tem medo que lhes aconteça com o abarracamento como á Ithaca que o piloto procurava para o filho de Ulysses, celebre mentiroso da antiguidade, e tenham de estudar a sciencia dos patos, ou andarem os *jovens* como tartarugas — com a casa ás costas.

Os policiaes andavão recrutando para o exercito de fora da porta as praças que se alistavão sem *juvar bandeira*: o annuncio diz que lá não entra gente *descalça*; o que fazem os moleques? Vão para casa, furtão os chinellos da nhãnhã, e voltão á *palhaçar* por meio patação. O que lhes vale é que a policia dos bilhetes é muito pacata!

Respeito á preço, acho aquelles camarotes com gosto de pimenta: os artistas são dignos da concorrência que tem havido e o palhaço pertence á familia dos sapos, guincha como qualquer dos *emigrados* da antiga rua do Poço.

O Sr. *Passarinho* trabalha bem: hei-de chamal-o em audiencia no meu Presepio para lhe dar uma medalha.

O preceptor d'elle, que supponho ser o Sr. Honorio, é uma sympathica creatura, além d'isso trabalha com agilidade, e não sei porque ha quem se tenha esquecido d'elle.

Morreu a nossa patricia e poetisa D. Delfina Benigna da Cunha; chorem os vates a inspiração d'aquella alma, que eu choro não poder fazer-lhes côro.

Que se pretenderá fazer na frente da igreja das Dores? O que eu aconselhei ha tempos? — Uma latrina publica?

A historia já vai grande: está-lhes dizendo adeos o seu criado

O Troquez.

(1) Todos sabem que a femea do gallo é gallinha, mas... para não confundirem com aquella especie de chilre....

CIARADA.

Vago nas trevas
Sem ser sentido,
Na luz pousado
Sou conhecido,
Bate-me ás vezes
O teu caseiro,
O sol me aclara,
Tenho máo cheiro.

Sou resultado
Do pavimento,
Livra o nariz
Que ahí sopra o ventc. — 1

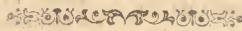
Na Grecia teve
Berço e origem,
Talvez na escola
Por — E' — me impingem.
Ou sou a quinta
Ou a segunda
Não só p'r a gente
Brasil-oriunda,
Mas Portugla

Tambem me accl'ma,
E em me querendo
Por — E' — me chama. — 2
Coitado! vive
Sempre chorando
E em cada esquina
Choramngando;
Gosta das flores,
Gosta das bellas,
Acha-as mais lindas
Do que as estrellas.
Coitado! é louco
Diz cada asneira!
Ri-se da morte

(Que celebreira!)
Uma palavra
Faz elle em postas,
E de outras linguas
Tem-n'as compostas
Cria-as tambem,
P'ohre maluco!
E da algibeira
Não pinga succo!
Suspira a brisa
Nos vãos da flor...
Digão: que é isto?
De Deos p'r amor!



Romances e Novellas.



CAIN,

O PIRATA.

ROMANCE DO CAPITÃO MARRYAT.

(Traduzido para o Guayba.)

CAPITULO II.

O CELIBATARIO.

Na mesma tarde do dia em que os dois negros e o menino erão salvos pela fragata, M. Witherington, de Finsbury-Square, estava sentado e só em sua salla de jantar, fazendo conjecturas sobre o destino do *Circassiano*, visto a demora de sua chegada. M. Witherington, estava como dissemos só e tinha diante de si uma mesa sobre a qual havia uma garrafa de vinho do Porto e outra de Sherry; e ainda que o ar estivesse temperado, via-se na chaminé algum fogo entretido por carvão de pedra, porque elle entendia que o fogo era em todo o tempo confortavel. M. Witherington tendo olhado por algum tempo para o tecto, posto que nada offerecesse de novo, encheo um cópo de vinho; depois, para melhor apreciar-o, desabotoou metade de seo colete, puchou mais para traz sua cabelleira, e completou esses arranjos de commodidade, aproximando duas cadeiras, uma para extender as pernas e outra para encostar o braço. E porque M. Witherington não buscaria todas as commodidades?

Gosava de uma boa saude, de uma boa cons-

ciencia e de uma renda de oito mil libras estre linas.

Satisfeito com estes pequenos arranjos, M. Witherington bebeo seo cópo de vinho do Porto, e pondo-o vasio na mesa, recostou-se em sua cadeira e nessa posição confortavel, continuou á pensar no fim que teria levado o *Circassiano*.

Nós o deixaremos entregue á sua preocupação, para tornal-o mais particularmente conhecido de nossos leitores.

O pai de M. Witherington era o segundo filho de uma das mais antigas e orgulhosas familias do Yorkshire; teve a escolha das quatro profissões permittidas aos filhos mais moços das familias nobres: o exercito, a marinha, a magistratura ou o sacerdocio.

A carreira das armas não lhe convinha, disse elle, porque exigia marchas e contramarchas, inimigas declaradas da commodidade; a marinha pouco lhe agradava, porque é difficil achar descanso no meio de borrascas e tempestades, além de que o biscoito se rança e torna-se terrivel ao paladar; a magistratura não lhe podia servir, porque não tinha certeza de preencher suas fuucções sem offender sua consciencia, e porque sua tranquillidade domestica perturbar-se-ia sem duvida; a igreja foi igualmente rejeitada, porque essa idéa ligava-se no espirito do moço com uma parca renda, uma vida de fadigas e privações, uma mulher e onze filhos, cousas cuja reunião é incompativel com o verdadeiro confortavel

da existencia. Assim pois com grande mortificação de sua família recusou positivamente abraçar alguma d'aquellas carreiras, para aceitar o offerimento de um tio, velho apostata, que lhe propoz entrar para sua casa de banco, á principio como simples caixeiro, e depois quando se mostrasse digno, em qualidade de socio. A consequencia d'este offerimento foi que a familia do moço o expellio com indignação e não quiz mais ouvir fallar d'elle.

Foi separado da arvore genealogica como se fosse um dos ramos femininos que tivesse cahido na desgraça de desacreditar-se.

Todavia, M. Witherington (pai) foi tão feliz na carreira commercial, que no fim de poucos annos tornou-se socio de seo tio, e, pela morte d'este, achou-se á frente de uma casa cujos lucros ião sempre crescendo.

M. Witherington comprou então uma casa em Finsburg-Square, e julgou conveniente procurar uma mulher.

Tendo entretanto algumas disposições aristocraticas de sua familia, resolveo não misturar o sangue dos Witheringtons com nenhuma das raças crusadas de Cascon-Street, ou de Minein Sahe; e, depois das indagações convenientes, fixou sua escolha na filha de um condé escossez, que tinha vindo á Londres com nove filhas em idade de casar, para trocar um sangue nobre por dinheiro. M. Witherington tendo a vantagem de apresentar-se primeiro pôde escolher á seo gosto.

A que elle preferio tinha cabellos louros, olhos azues, as faces com alguns longes de côr, a estatura elevada, enfim podia passar por uma bellissima moça; tinha sido designada pelo n.º 4 na lista da biblia da familia. Proveio d'este casamento primeiro uma filha, que foi baptisada com o nome de Moygy, e que nós apresentaremos em breve ao leitor com seos quarenta e sete annos e sua virgindade: depois um filho, Antony-Alexandre, escudeiro, que encontramos agora em uma commoda attitudo e entregue á meditação.

M. Witherington pai, quiz que seo filho entrasse para a casa de banco, e elle, como filho submisso, para alli ia todos os dias, mas nada fazia, porque felizmente tinha descoberto que seo pae tinha nascido antes d'elle, ou, em outros termos que era rico, e que sem duvida alguma lhe deixaria um dia sua fortuna.

Como M. Witherington tinha feito uma lei de viver o mais pacificamente possível, muito cedo seo filho adoptou o mesmo systema, e pôde-se dizer que o punha em pratica com uma exatidão ainda mais escrupulosa do que aquelle de quem tinha aprendido; não havia para elle senão duas cousas na vida: ter fortuna e buscar todos os regalos que ella concede.

Num bello dia lady Mary Witherington depois de ter satisfeito seos ultimos deveres, pagou sua divida á natureza, isto é, partio d'esta vida. Seo marido pagou as despesas de seo enterro, o que faz crer que ella foi dada á sepultura.

Pouco tempo depois, M. Witherington pai foi acometido de uma apoplexia. A morte, que não tem sentimento algum de honra, o ferio tão bem que elle não se levantou mais; depois de estar de cama por alguns dias, um segundo ataque o enviou para o mesmo lugar em que existião os despojos mortaes de lady Mary Witherington. Então M. Witherington filho (o nosso Witherington) tendo tirado de seo capital 40:000 libras esterlinas para o dote de sua irmã vio-se possuidor de 8:000 libras de renda e de uma bella casa em Finsbury-Square: o que o fez retirar-se dos negocios.

Em vida de seos pais elle tinha sido testemunha de duas ou trez scenas conjugaes que o decidirão á riscar o casamento da lista dos confortaveis; ficou depois solteiro.

Sua irmã Margarida tambem não se casou; mas seria por causa de seo olhar um tanto vesgo que conservava os pretendentes á distancia, ou porque, como seo irmão, não se achava com disposições para o casamento? E' o que não poderemos decidir. M. Witherington tinha trez annos menos que sua irmã e ainda que troucesse cabelleira desde muito tempo, diremos que nada o obrigava á isso, á não ser sua commodidade.

O caracter de M. Witherington podia resumir-se em duas palavras: o egoismo e a beneficencia. Egoista e solteiro são pouco mais ou menos synonymos; só o contacto de um sexo mais brando pôde algumas vezes corrigir o homem, tornando-o mais sensivel. E' admiravel como as mulheres conseguem dominar-os sem que elles se irrite, tornando-os pacificos em seos desejos e afeições.

M. Witherington cortou swas reflexões para puchar por um cordão que correspondia ao de uma campainha, que o servente tinha ordem de atar ao braço da cadeira de seo amo quando sahia da sala de jantar; porque M. Witherington dizia que era muito encommo ter de levantar-se para chamar um creado. Elle tinha calculado muitas vezes a vantagem ou desvantagem de ter uma menina de uns oito annos para puchar a campainha, ler os jornaes e cortar as folhas dos romances novos.

Todavia pensando que essa menina não se conservaria sempre na idade conveniente ás suas intenções, decidio a questão em favor de seo celibato.

M. Witherington tendo de novo puchado pela campainha, continuou o curso de suas reflexões.

Jonathan, o servente, appareceo logo; mas notando que seo amo estava preocupado, parou á porta, direito, immovel, e seo rosto exprimia tanta tristeza, como se elle tivesse acompanhado, em qualidade de carpidor, o enterro de algum par do reino, porque está bem entendido, que quanto mais elevada é a ordem do defunto, mais o rosto d'aquelle que deve carpil-o deve mostrar-se lastimoso, porque a paga está na rasão do sentimento que se mostra.

Mas em quanto M. Witherington está entregue as suas apreensões e Jonathan fica em sua immobilidade de besta de carroça, nós os deixaremos para contar rapidamente a historia d'este ultimo.

Jonathan Trapp tinha á principio servido como pagem e mais tarde foi elevado ao gráo de copeiro, em casa de M. Witherington pai.

Jonathan teve nessa época uma paixão, porque todos os copeiros, como seos amos são sujeitos á asneiras. Nem elle nem o objecto de seos extremos, que era uma camareira de outra casa; quizerão ouvir conselhos sobre os inconvenientes de uma união, ainda que os tivessem testemunhado muitas vezes. Não se importarão pois com os avisos e casarão-se.

Assim como muitos copeiros e camareiras que se decidem á esse acto solemne, elles estabelecerão um botequim; deve-se fazer justiça a camareira declarando que ella prefereria uma hospedaria, mas calou-se convencida pelas rasões de Jonathan que pretendia com razão que póde-se beber sem ter sêde, mas não se come senão quando se tem fome.

Entretanto, apesar da justesa d'este raciocinio, é certo que seo negocio não prosperou. Presumião que o rosto magro e comprido de Jonathan fazia fugir os freguezes, porque julga-se ordinariamente da qualidade das bebidas pela cara d'aquelle que a serve. Conclue-se pois que a cerveja não podia prestar quando o vendedor tinha a cara de desenterrado. A opinião do mundo não é quasi sempre formada segundo as apparencias?

Mas o que causou a ruina de Jonathan em uma profissão, procurou-lhe immediatamente um emprego em outra. Um arranjador de pompas funebres que tinha vindo á casa d'elle quando se arrematavão seos generos reconheceo de prompto, em Jonathan um homem precioso para seos acompanhamentos, e como tinha um cunhado da mesma altura que elle, offerceco-lhe o emprego de carpidor. Jonathan cessou dentro em pouco, em suas novas occupaões, de lamentar a perda de algumas centenas de libras esterlinas, chorando a morte de milhares de individuos. Sua estatura elevada e direita, a expressão triste e lugubre de seo rosto, quando collocava-se como uma estatuza debaixo do portico d'aquelles que tinham já passado as portas da eternidade, erão muitas vezes um mundo sarcasmo contra a insensibilidade dos herdeiros do morto. Neste mundo, onde se trafica com tudo, o pesar mesmo não tem valor quando não é pago. Jonathan depois de ter enterrado uma multidão de individuos, acabou por enterrar sua mulher; até ahi ia bem, mas enterrou tambem seo amo, o arranjador de pompas funebres, enterro que elle estava bem longe de desejar. Ainda que não chorasse, Jonathan, o conduzio a sua ultima morada com uma tristeza conveniente á circumstancia, e bebeo, á sua memoria um cangirão de

cerveja voltando do acompanhamento em quanto seos camaradas se conservavão infileirados como corvos sobre a coberta do carro funebre.

Todos os outros emprehendedores recusarão tomar Jonathan para seo serviço, com o pretexto de não poder arranjar par para elle. Nesta embaraçosa situação Jonathan pensou em M. Witherington filho; elle tinha servido e enterrado M. Witherington pai e lady Mary sua mulher; essas circumstancias devião necessariamente ser uma grande recommendação para com o filho e resolveo dirigir-se á elle. Acontecia justamente que o copeiro existente estava em vesperas de fazer a mesma asneira que Jonathan tiuha feito em outro tempo; elle foi pois reinstalado em seo antigo cargo; resolveo retomar igualmente a vida passada não querendo mais historias com camareiras. Mas Jonathan conservou sempre seo exterior triste e lugubre; nunca se ria, á menos que seo amo não mostrasse disposições alegres, ainda assim era antes por dever do que por vontade que elle tomava parte na hilaridade de M. Witherington.

Para homem de sua classe, Jonathan possuia uma certa erudição; durante sua estada em casa do arranjador de enterros, tinha chegado a verter em inglez todas as divisas das armações collocadas na porta dos grandes, por occasião de sua morte, e quando enconva oportunidade não deixava de cital-as.

Deixamos Jonathan de pé na porta; elle a tinha fechado e conservava á mão no trinco.

— Jonathan, disse M. Watherington depois de uma longa pausa, eu queria tornar a lér a ultima carta que recebi de New-Yorck, vós a achareis em meu escriptorio.

Jonathan, sahio sem responder e voltou com a carta.

— Ha muito que espero este navio, Jonathan, proseguiu M. Witherington desdobrando a carta.

— Sim, Sr., muito tempo; *tempus fugit*, replicou o copeiro com voz baixa e feixando á meio os olhos.

(Continua)